



OS TROVADORES E A HERESIA: UMA ANÁLISE HISTÓRIA DA VISÃO SOBRE A HERESIA DA IGREJA CRISTÃ DOS SÉCULOS XII E XIII

Vanderlei Gianastacio (Bacharel em Teologia pela FTBSP, Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Assunção e Mestre em Ciências da Religião pela UMESP).

Resumo

Numa simples leitura das cantigas de escárnio e maldizer escritas nos séculos XII e XIII, em Portugal, percebe-se como alguns trovadores revoltaram-se com Deus pelos fatos que aconteciam em suas vidas. Às vezes era a perda da esposa, outros questionavam a liderança eclesiástica da época, enfim, muitos deles não concordavam com a Igreja e logo, com Deus. É do conhecimento dos historiadores, as perseguições que ocorreram neste período contra os movimentos religiosos denominados de hereges pela Igreja. Visto que, não se encontra perseguição contra os trovadores, nem mesmo são considerados de hereges, questiona-se então, qual era o conceito de heresia neste período? Por que os Valdenses foram considerados hereges e os trovadores não? Esta pesquisa tem o objetivo de avaliar o conceito de heresia que surgiu na sociedade grega antes de Cristo, e, deste modo, entender qual era o conceito de heresia na época dos trovadores.

Palavras-chave: História, heresia, trovadores: Pero Gotèrrez e Gil Perez Conde, igreja cristã

Abstract

The troubadours and heresy: a historic analisis of the views about heresies in the Christian church in the XII and XII centuries

Reading the scarn and defame songs written in the XII and XIII centuries in Portugal, one notices that several troubadours rebelled against God because of what happened in their lives. Sometimes it was the lost of a spouse, some of them questioned the ecclesiastic leadership of the time, others did not agree with the Church, and consequently, with God. Historians know that during that time, people were persecuted and some movements were called heretics by the church. However, there are no records of persecution against troubadours That makes us wonder what was the concept of heresy during that period. Why were the Valdenses considered heretis and the troubadours not? This research has as its objective to evaluate the concept of heresy that appeared among the Greeks before Christ, in order to try to understand the definition of heresy during the troubadours period.

Key words: history, heresy, troubadours, Pero Gotèrrez e Gil Perez Conde, Christian Church

Introdução

As Cantigas que foram produzidas em Portugal entre o século X e XIII, demonstram o que se passava na mente do homem medieval. É lógico que as Cantigas não conseguem abordar todos os aspectos da cultura da época, mas é possível conhecer aspectos relacionados a sentimentos de paixão, amor, amor não correspondido, sentimento de ira por alguém etc. Sendo uma cultura teocêntrica, Deus não escapa da expressão que muitos trovadores tiveram por ele, principalmente, quando algo não estava bem na vida do autor. As Cantigas relacionadas a Deus são classificadas por vários autores, dentre eles Manoel Rodrigues Lapa, como Cantigas de heresia.

A Igreja realmente percebeu a presença de alguns hereges neste período, os quais foram perseguidos conforme seus movimentos e número de pessoas que atraíam para si. Tal fato não ocorreu com os trovadores que expressaram seus sentimentos negativos em relação a Deus. Logo, então, surge a pergunta, por que a Igreja não perseguiu os trovadores como aqueles que ela considerava hereges? Qual era o conceito de heresia para a Igreja na época que estes trovadores escreveram. O conceito de heresia do século XII era o mesmo conceito da época dos apóstolos, na Igreja Primitiva?

Esta pesquisa tem como objetivo, no primeiro capítulo, entender o conceito de heresia e como ele foi se transformando na história da Igreja. Depois serão analisadas duas Cantigas, consideradas de heresias: a de Pero Gotèrrez, cavaleiro (CBN. 922; CV. 510) e a de Gil Perez Conde (CBN. 1527; CB. 400). A primeira análise consistirá em confrontar com os textos bíblicos as afirmações que os autores fizeram de Deus. A segunda análise será a respeito dos verbos destas Cantigas. Considerando que verbo na oração demonstra a ação, será analisado o aspecto histórico do verbo, modo, tempo, número e pessoa.

Após esta abordagem, pretende-se, nas considerações finais, sugerir a hipótese do porquê a Igreja não ter perseguido os trovadores, assim como perseguiu aqueles que ela considerava hereges. Na realidade “os homens da segunda metade do séc. XIII, desfrutavam uma liberdade, em matéria religiosa, que degenerava por vezes em desbocada soltura: era a conseqüência, mais ainda que duma esparsa cultura filosófica com caráter heterodoxo, das

lutas ardentes com a Igreja, que não pouco abalaram a consciência religiosa do país”¹. Não só isso, mas Falbel também lembra que a linguagem da heresia não era compreendida, ainda que se optasse pela “volta ao estilo de vida de Cristo e de seus primeiros discípulos, os Apóstolos. A pobreza, a humildade, a caridade dos primeiros tempos da religião não era exatamente o que caracterizava a Igreja nos séculos XII e XIII. O herético recorre ao devaneio místico para fugir desta realidade e construir uma nova Jerusalém”².

Estes e outros aspectos dos hereges serão considerados nesta análise, assim como as afirmações que os trovadores fizeram a respeito de Deus. Este assunto não se esgota nestas páginas, visto que, ainda há muito que se pesquisar para tentar entender o que estava ocorrendo neste período da história, época que, muitas vezes, foi desconsiderada por vários autores.

1. Conceito de heresia

O conceito de heresia no meio cristão não teve origem na Igreja. O *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs* lembra que a palavra heresia - do grego *airesis*, “pode derivar de *aireomai* (retirar, escolher). No grego helenista, indicava o objeto da escolha intelectual, isto é, uma doutrina ou uma escola, tal como se dava com as escolas filosóficas...”³. É fato que a heresia existe se tiver sua origem na Igreja, pois qualquer movimento que nasça fora da Igreja, não consiste em heresia, visto que não é um segmento da Igreja. Contudo, não foi assim a origem da palavra heresia.

1.1 A história da heresia

Na Grécia Antiga, os seguidores de uma determinada escola filosófica que optassem por uma outra doutrina, ou outra forma de pensar, e assim, seguisse a sua própria maneira de pensar, era considerado herege. A palavra “heresia” chega à Igreja por meio dos judeus. Este fato ocorreu, quando, no reino de Israel, após o término do reinado de Salomão, foi dividido em

¹ LAPA, Manoel Rodrigues, *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade-Média*. Lisboa. Seara Nova. 1929. p. 104.

² FALBEL, Nachman *Heresias Medievais*. São Paulo, editora Perspectiva. 1977. p. 14.

reino do norte e do sul. Com a expansão dos impérios da Assíria e Babilônia, o reino do norte, denominado Israel, foi massacrado pelos assírios em 722 a.C. Passado cem anos, foi a vez do reino do sul, denominado Judá, de ser invadido pela Babilônia. Desta forma, o povo de Israel foi levado ao exílio.

Quando Ciro, rei da Pérsia, conquistou a Babilônia, decretou liberdade aos judeus, permitindo que voltassem à sua terra. Muitos preferiram outros lugares da Palestina Antiga à região que moravam antes do exílio. Com tal liberdade conquistada, posteriormente, os judeus sofreram o domínio helenístico, ptolomaico e selêucida, entre 332 e 142 a.C. Para o Império Persa, Judá era uma nação e o seu centro era Jerusalém. Os líderes religiosos desta consistia em Sumo Sacerdote e o Conselho dos Anciãos. Os selêucidas, dominação helenística, proibiram a prática do judaísmo, profanando o Templo em Jerusalém. Eles tentaram impor sua cultura e os costumes gregos. É neste momento, que Matatias, comanda a revolução em 166 a.C. Com a queda dos selêucidas, a Judéia obteve sua independência. As fronteiras foram reconquistadas e houve a consolidação política, permitindo a presença do judaísmo na região. Este foi um período que durou em torno de oitenta anos.

Quando Roma tornou-se uma potência na região, houve insatisfação dos judeus. Isto gerou várias insurreições. Assim, os judeus ficaram submissos à autoridade romana. A cultura greco-romana permaneceu na região, porque Herodes, que se tornou rei da Judéia, além de ter adquirido autonomia para administrar os assuntos internos, deu início a várias construções, incluindo a reforma do Templo em Jerusalém. Esta trajetória dos judeus colaborou para que eles fossem influenciados pela cultura grega.

Em torno do ano 30 d.C., aqueles que permaneceram na cidade de Jerusalém, provavelmente por causa da sua religião, falavam hebraico e aramaico. Os que eram de origem de outras regiões e mudavam para esta cidade, falavam grego. Pois havia sinagoga, em Jerusalém, com a liturgia de culto na língua grega. Isto ocorreu, porque vários judeus, ao voltarem do exílio, passaram a morar em regiões que, para sobreviverem, precisaram ter contato com os gregos, aprendendo, assim, o seu idioma.

³ *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis, editoras Vozes e Paulus. 2002. p. 665.

Nesta época, o judaísmo já era composto por vários segmentos, alguns com tendência mais política, como os zelotes, por exemplo, outros, com tendência mais religiosa, como os fariseus, saduceus, escribas etc. Neste momento, pela influência da cultura grega, a palavra “heresia” passa a pertencer ao vocabulário judaico, porém com um “sentido pejorativo, talvez para designar aquele que se afastava da doutrina da tradição rabínica e, neste sentido, foi empregado pelos judeus em âmbito cristão”⁴. Considerando estas questões, é possível entender que, no início, o cristianismo não passava de uma heresia do judaísmo. Nem mesmo para os cristãos o cristianismo era igreja, e sim, o judaísmo aperfeiçoado, acreditando que o Messias Jesus, já viera.

Fortalecida, a Igreja também passou a usar a palavra “heresia”, identificando os hereges como aqueles que não concordavam com a doutrina dos apóstolos. “A palavra heresia (do grego *hairesis*, *hairein*, que significa *escolher*) acompanhou a vida da Igreja desde o início, e para os escritores eclesiásticos o termo designava uma doutrina contrária aos princípios da fé oficialmente declarada”⁵. A heresia com este conceito permaneceu até o Império Romano aceitar o cristianismo como religião oficial. A partir deste momento, esta religião passa a ser reconhecida como uma instituição que possuía hierarquia. Por este motivo, as heresias não consistiam em questionar aspectos teológicos da pessoa de Jesus, e sim, a estrutura eclesiástica. Falbel afirma que:

As primeiras heresias distinguem-se das que ocorreram no século XII e XIII pelo seu caráter puramente filosófico e teológico que fazia especulação racional em torno dos princípios ou dogmas cristãos, em geral planos do pensamento que tratavam da Trindade, da natureza divina e humana de Cristo e da própria relação existente entre ambas, bem como de questões ligadas à essência da divindade. Porém, o que caracteriza as heresias posteriores, isto é, as da Baixa Idade Média, é o seu cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental.⁶

Destarte, com esta abordagem a respeito da origem da heresia, é possível analisar, no século XII e XIII, alguns aspectos da heresia e dos seus pregadores, procurando obter um conhecimento melhor destas apresentadas em algumas Cantigas.

⁴ *Ibidem* p. 665.

⁵ FALBEL, Nachman *Heresias Medievais*. São Paulo, editora Perspectiva. 1977. p. 13.

⁶ *Ibidem* p. 13.

1.2 A heresia na Idade Média

Na Idade Média, as heresias apresentaram um outro perfil. Passado já XII séculos do início da Igreja, a estrutura eclesial deste período não era mais a mesma da Igreja Primitiva, no período apostólica. O clero conseguiu conquistar o poder sobre o estado por meio dos seus dogmas e de interpretações alegóricas da bíblia. “Depois de Constantino, e na medida em que a Igreja se tornava mais rica e privilegiada, os pobres foram cada vez mais negligenciados ou tratados de maneira condescendente”⁷. Isto era possível, porque a interpretação bíblica ocorria de forma metafórica. Sobre este assunto e sobre a riqueza, Bosh ainda afirma:

À medida que crescia sua riqueza, os cristãos ricos se inclinavam cada vez mais a interpretar metaforicamente as palavras bíblicas sobre a pobreza. Os pobres eram “pobres de espírito”, aqueles que reconheciam sua completa dependência de Deus. Nesse sentido, portanto, os ricos também podiam ser pobres – eles estavam em condições de reclamar todas as promessas bíblicas para si mesmos.⁸

Enquanto na Igreja Primitiva, segundo o livro de Atos, os cristãos valorizavam mais as pessoas do que os bens, pois é assim que Lucas descreve aquele momento: “todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister”⁹, já na Idade Média, a Igreja é criticada por vários fatores. Em sua obra *Monarquia*, Alighieri critica a liderança e a prática da Igreja:

Aqueles que se definem como zelosos observantes de nossa fé foram precisamente aqueles que de modo exagerado reagiram e em vão tramaram contra a primazia romana. Sequer demonstraram compaixão pelos pobres de Cristo que, antes de tudo, são defraudados nas rendas eclesialísticas, enquanto, além de tudo, o próprio patrimônio é pilhado dia após dia, empobrecendo desse modo a Igreja. Entrementes, eles simulam a justiça e não admitem aquele que faz justiça.¹⁰

Percebe-se que a situação e o estilo da Igreja e do clero, despertou, em várias pessoas, questionamentos acerca do cristianismo. Se a cobiça era errada, como a própria Igreja ensinava, perguntava-se, então, o porquê da concentração de renda na liderança clerical, num

⁷ BOSH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo, editora Sinodal. 2002. p.521.

⁸ *Ibidem* p. 520.

⁹ Livro de Atos, capítulo 2, versículos 44 e 45. Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Barueri. Sociedade Bíblica do Brasil. 1988.

momento em que muitas pessoas passavam por dificuldades. Por isso que Alighieri insiste em abordar este problema, quando diz "...a cobiça, enquanto despreza a natureza específica do homem, aspira a outra coisa; a caridade, ao contrário, porquanto desdenha todos os outros bens, procura a Deus e o homem e, por conseguinte, o bem do homem"¹¹. Se a caridade era mencionada pela liderança da Igreja, mas, na prática, não buscava o bem do ser humano, logo era duvidosa a postura da instituição eclesiástica. Desta forma, a Igreja não servia de exemplo como deveria. Alighieri trata deste assunto, com as seguintes palavras: "...quer que todos os homens se tornem bons. Ora, isso não pode ocorrer enquanto subsistirem regimes irregulares"¹². Tais regimes, demonstravam que "...somente a cobiça corrompe o juízo e coloca em embaraço a justiça"¹³.

A disputa pelo poder sempre houve na história. O equilíbrio que deve existir entre poder e justiça, é o elemento fundamental para aqueles que pertencem à liderança, seja política, seja religiosa. Sócrates já percebera isto no século IV a.C., pois disse: "o que é justiça? Devemos procurar a integridade ou o poder? É melhor ser bom ou ser forte?"¹⁴ A respeito do poder, Claval aborda esta questão com as seguintes palavras:

...o poder nasce, por vezes, do recurso ao constrangimento físico: assim os fortes impõem aos fracos a sua vontade... O poder nasce também na aptidão de certas pessoas para influenciar aqueles com quem mantém contato: tonando-se sedutores, convincentes, insistentes, conseguem fazer aceitar seus pontos de vista, provocar dedicações, suscitar apegos. É assim que se destacam, nos grupos, líderes cuja a autoridade é reconhecida pela maioria a que chegam a influir no comportamento de todos.¹⁵

Com a presença do fator religioso no discurso dos líderes eclesiásticos, o poder passava a ter mais força, por causa do temor e obediência a Deus. Não que Deus agia necessariamente como os líderes ensinavam, mas sem conhecimento, o povo não tinha condições de questionar as afirmações da liderança religiosa. Por este motivo, passavam a ser obedientes à liderança, atribuindo a Deus qualquer desgraça que ocorresse na vida do povo, conforme ensinado pelos líderes. Como consequência da diferença que existia entre o discurso e a prática da liderança

¹⁰ ALIGHIERI, Dante. *Monarquia*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo, editora Escala. p. 86.

¹¹ *Ibidem* p.49.

¹² *Ibidem* p.52.

¹³ *Ibidem* p.54.

¹⁴ DURANT, Will. *A história da filosofia*. Trad. Luiz Carlos Nascimento Silva, São Paulo, Editora Nova Cultura. 2000. p. 43.

¹⁵ CLAVAL, Paul. *Espaço e poder*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1979. p.13.

eclesiástica, uma religiosidade popular dominava o povo. Já as pessoas que não concordavam com religiosidade popular e nem com a religião oficial, eram consideradas hereges.

Em sua obra *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*, ao tratar do discurso religioso atual e a releitura das religiões populares, o autor afirma que estas “são manifestações coletivas que exprimem a seu modo, em forma particular e espontânea, as necessidades, as angústias, as esperanças e os anseios que não encontram respostas adequadas na religião oficial, ou nas expressões religiosas das elites e das classes dominantes”¹⁶. Por mais que Parker tenha feito esta afirmação se referindo à religião atual, ela pode ser aplicada também para a origem dos movimentos heréticos na Idade Média, pois ao considerar o contexto social da época, até mesmo por meio de algumas Cantigas, percebe-se que o povo, em sua totalidade, não era suprido pela Igreja, e assim, surgiram várias questões.

A sociedade cristã, desde o século V, dividiu-se em dois grupos de homens com ideais diferentes: os monges e os clérigos. É necessário lembrar que depois da queda do Império Romano, a heresia “desaparece do Ocidente latino. Reaparece no final do século X ao mesmo tempo que o senhorio banal, em um contexto de recuperação geral”¹⁷. Le Goff ainda lembra que os dois estados, laico e eclesiástico, superpõe-se, a partir do século X. Houve, porém, “uma divisão funcional representando as três ordens que subsistirão até o fim da Idade Média e mesmo até a revolução de 1789: (...) uns rezam, outros combatem, outros trabalham”¹⁸. Neste período, surgiram homens considerados hereges pela Igreja. Muitos deles foram perseguidos. Nesta pesquisa, alguns merecem destaque.

Estudante em Paris, Amaury de Bène, mais tarde tornou-se um professor ilustre que defendia o panteísmo. Em 1204, ele foi censurado pelos colegas da Universidade de Paris e condenado em 1207. Seus discípulos, amalricianos, aprofundaram-se nesta heresia. “Falavam de uma tríplice encarnação de Deus, como Pai em Abraão, como Filho em Cristo e como Espírito Santo em cada crente. Negavam os sacramentos e as instituições eclesiásticas, viam no papa o Anticristo e pretendiam ilimitada liberdade moral”¹⁹. Outro herege foi Joaquim de Fiore. Este, por sua vez, foi um dos que influenciou Martinho Lutero com suas afirmações. O

¹⁶ PARKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Trad. Atilio Brunetta. Petrópolis, editora Vozes. 1996. p. 54.

¹⁷ LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo, editora da universidade do Sagrado Coração. 1999. p. 504.

¹⁸ *Ibidem* p. 192.

¹⁹ FALBEL, Nachman *Op. cit.* p. 21.

papel desempenhado por Fiore foi considerado como “a fonte principal das heresias populares, que em outro aspecto, sofreram influência de suas idéias e visões apocalípticas”²⁰.

Pedro de Bruys também não aceitava as doutrinas da Igreja. Nascido em Cantão de Rosans, nos Alpes, chegou a ser padre e, por motivos desconhecidos, foi expulso da sua igreja. Pregou em vários lugares, chegando à Provença, adquiriu cada vez mais adeptos. Dos livros da bíblia, ele se atinha somente aos Evangelhos, pois duvidava da autenticidade das demais cartas do Novo Testamento. “...entendia que a Igreja era, não o conjunto de suas propriedades ou bens materiais, mas a unidade dos que crêem nos *Evangelhos*, era o único e verdadeiro testemunho apostólico, desprezando todo o resto, inclusive a sua hierarquia”²¹. O seguidor de Pedro de Bruys foi Henrique. As “suas doutrinas frisavam duas coisas: a) os vícios do clero, chamando a atenção do povo contra eles; b) a sua posição perante o matrimônio e a redenção das prostitutas”²². A diferença entre a doutrina de Henrique e Pedro Bruys é que este “aceitava a doutrina do pecado original, exigindo, porém, que o batismo fosse consciente,”²³ já aquele “negava o pecado original e sua transmissão às gerações da humanidade”²⁴.

O perfil das heresias não era somente o de questionar o poder clerical, havia atitudes estranhas de alguns hereges, como no caso de Tanquelmo. Este não teve muitos adeptos e concentrou-se na região, hoje denominada Holanda. “O caráter de sua heresia era antieclesiástico por excelência e negava, por conseguinte, os sacramentos da Igreja”²⁵. Além disso, ele se fez passar por filho de Deus e casou-se com uma imagem de Nossa Senhora.

Outros dois grupos de hereges que merecem destaque são: os albigenses e os valdenses. Também denominados cátaros, os albigenses “distinguiam-se das seitas desse período pelo caráter dualista de sua doutrina. Dualismo, nesse sentido, significa a crença de que a bondade existe somente no mundo espiritual do deus bom e que o mundo material é mau e foi criado por um deus mau ou espírito chamado Satã”²⁶. Esta forma de pensar a respeito de Deus é a mesma que surgiu no século I e tornou-se muito forte do século II, o gnosticismo. Para estes, Jesus não tinha vindo em carne e o que os apóstolos viram foi apenas o espírito dele, como se fosse um fantasma. Assim, também, os cátaros entendiam que “...Jesus foi um anjo

²⁰ *Ibidem* p. 23.

²¹ *Ibidem* p. 26.

²² *Ibidem* p. 28.

²³ *Ibidem* p. 28.

²⁴ *Ibidem* p. 28.

²⁵ *Ibidem* p. 30.

que veio para indicar o caminho da salvação, mas não fornecê-lo em pessoa; logo, seus sofrimentos e morte eram ilusão”²⁷.

Os valdenses foram um grupo de hereges que se formara a partir das idéias de Pedro Valdo ou Valdes de Lyons. Este era um rico comerciante que “segundo o testemunho do Anônimo de Laon, ficou profundamente abalado pela leitura das *Escrituras Sagradas*, por volta de 1173”²⁸. Esta heresia levou muitos italianos a afastarem-se da Igreja, negando “o Purgatório, o valor da oração pelos defuntos e as missas de sufrágio, o culto dos santos, as indulgências, o juramento, o serviço militar e a pena de morte, admitindo como sacramento apenas o batismo, a eucaristia e a penitência”²⁹. Com estas heresias, percebe-se que realmente estes líderes optaram por uma escolha, no sentido etimológico da palavra “heresia”. Sendo assim, herético foi aquele que rejeitava alguns elementos da doutrina oficial:

...uma parte dos valores teológicos ou morais, oficialmente admitidos pela comunidade dos crentes, contestando os seus fundamentos ou as suas aplicações. A heresia é portanto uma ruptura com o ordem espiritual estabelecida; esta ruptura pode nascer de uma especulação intelectual (heresias <<eruditas>>) ou de uma reação da sensibilidade (heresias <<populares>>). Em qualquer dos casos, pela sua lógica interna ou pela repressão que suscita, a heresia tem fortes possibilidades de se colocar também em ruptura com a ordem temporal. Neste sentido, torna-se o veículo natural da reivindicação política e social na Idade Média.³⁰

A história narra como muitos destes hereges foram perseguidos. Até cruzadas foram realizadas contra alguns deles. Suas afirmações eram consideradas heresias pela Igreja, não porque era algo que confrontava os textos bíblicos, mas sim, questionavam o poder e a estrutura clerical da época. Alguns trovadores também fizeram afirmações contra Deus e contra clero, porém não foram considerados hereges.

²⁶ *Ibidem* p. 36.

²⁷ *Ibidem* p. 42.

²⁸ *Ibidem* p. 60.

²⁹ *Ibidem* p. 62.

1.3 Os Trovadores e suas heresias na Idade Média

A produção da heresia ocorreu por meio de pessoas consideradas hereges pela Igreja. É necessário lembrar que a produção trovadoresca era resultado de uma cultura e cosmovisão, que por sua vez, era envolvida pela doutrina religiosa da Igreja. Spina afirma que:

As grandes citações do espírito atendem muito de perto às paulatinas conquistas do homem medieval: os progressos técnicos, a vida comercial, o desenvolvimento urbano e conseqüentemente o prestígio cada vez mais crescente da classe burguesa; a presença esmagadora da Igreja – às vezes *positiva* (impondo orientações no comportamento do homem medieval), outras vezes *negativa* (deixando florescer as heresias ou enfraquecendo a sua autoridade pelo cisma e pela especulação escolástica puramente retoricista) - são fatores determinantes das criações e da evolução das formas literárias.³¹

Todos estes fatores contribuíram para o homem medieval, ao passar por dificuldade aparentemente sem solução, produzisse uma produção literária que era resultado do seu relacionamento com o transcendente, neste caso, Deus. Uma afirmação de Lapa a respeito dos trovadores é importante para entender este período. Ele diz que “o trovador esquece por vezes a mesura e queixa-se da violência do castigo, atribuindo até a Deus o propósito deliberado de lhe fazer mal”³². Esta postura do trovador pode tanto demonstrar a falta de conhecimento dos textos bíblicos, como uma religiosidade imposta pela Igreja, fazendo com que as pessoas tivessem uma imagem distorcida de Deus. Além disso, mesmo que uma pessoa tivesse conceitos de Deus com base em uma hermenêutica coerente dos textos bíblicos, quando ela estava revoltada, também podia expressar-se de forma estranha aos olhos dos religiosos. Tratando-se destas questões a respeito do homem medieval, Mello lembra que “...neste quadro imaginário estão inscritos os seus sonhos, os seus ideais de vida, as suas ideologias, em suma, tudo aquilo que a camisa de força da realidade impedia de ter uma existência plena”³³.

É importante lembrar que nesta época, não havia variedade de diversão como há hoje. Por este motivo, a “poesia épica (canções de gesta), poesia trovadoresca, poesia satírica, romances em verso e prosa, hagiografias, contos, peças teatrais, bestiários etc., tudo isso fornecia a um público variado, indo da burguesia urbana às cortes palacianas, diversão e

³⁰ BONNASSIE, Pierre. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1985. p.111.

³¹ SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Caetano do Sul. Ateliê editorial. 1997. p.13.

³² LAPA, Manoel Rodrigues, *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade-Média*. Lisboa. Seara Nova. 1929. p. 99.

³³ MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo, editora Contexto. 1992. p. 07.

alimento para a imaginação, numa época que desconhecia o rádio, o cinema e a televisão”³⁴. Os fatores religiosos, dominantes da cosmovisão do homem medieval, acabaram influenciando a escrita deste, pois literatura e religião sempre estiveram próximas na história. Spina diz que:

...como a influência do culto de Maria sobre a poesia lírica dos trovadores provençais, que deriva de adoração da *Donna* para o lirismo contemplativo da Virgem; ou a própria influência da Igreja sobre a instituição cavaleiresca, propiciando também a derivação do romance bretão para o ciclo do Graal (*Perceval, Roman de Saint-Graal, Demanda do Santo Graal*, este último contaminado ainda pela doutrina herética dos ‘espirituais’).³⁵

Poder-se-ia tentar inferir aqui o inconsciente coletivo, mencionado por Carl Gustav Jung em sua teoria. Parece que o homem medieval tinha o desejo de expressar os seus sentimentos para a mulher amada, algo, muitas vezes, impossível de acontecer, por causa da imposição religiosa ou por causa da diferença de classe social. Assim, o lirismo contemplativo da Virgem permeava todo inconsciente coletivo do homem urbano. A valorização de Maria era expressada pelas Cantigas, valorizando uma mulher que o homem não tinha como tocá-la. O problema é que o amor não correspondido, resultava em revolta contra Deus. Lapa diz que “esta concepção pessoal da coita de amor como uma penitência, um castigo divino, podia resvalar facilmente em atitudes de heresia”³⁶. Possivelmente uma análise profunda da mente do homem medieval a partir da sua produção literária à luz das teorias de Jung ou de Sigmund Freud, traria mais detalhes sobre o material produzido na época. O fator religioso na história sempre desencadeou algum tipo de manifestação do ser humano. Spina lembra que “nos séculos XII e XIII, portanto, é sobretudo à Igreja que se deve um influxo considerável nas modificações temáticas da literatura medieval”³⁷.

Como diz Lapa, para um homem revoltado pelo fato de perder sua amada, era Deus “o agente da separação dos namorados”³⁸. Deus era o culpado da situação, não importava qual fosse o problema em relação à mulher amada, desde que saísse fora do controle do ser humano, Deus era o responsável pelo momento difícil em que o homem estava vivendo. Estes casos envolviam até morte, como diz Lapa: “há porém um trovador, que dá à sua atitude,

³⁴ *Ibidem* p.09

³⁵ SPINA, *Op. cit.* p. 32.

³⁶ LAPA, *Op. cit.* p. 99.

³⁷ SPINA, *Op. cit.* p. 35.

³⁸ LAPA, *Op. cit.* p. 99.

escandalosamente herética, um aspecto mais sério: insulta Deus, por lhe ter feito morrer a sua amiga. É Pero Garcia Burgalês³⁹. Manoel Rodrigues Lapa ainda lembra que:

Vasco Gil queixa-se de Deus, que não tem medida para com ele e ameaça-o de lhe não confessar o que sente (C.B.N. 255). D. João Soares Coelho manifesta-se com franqueza: *E quero mal Deus porque mi non val* (C.B.N. 261). João Lopes d'Ulhoa atribui a Deus um espírito de contradição, empenhado em hostilizar os desejos do namorado (...) Gil Peres Conde censura Deus por lhe ter roubado a sua amiga, fazendo-a freira.⁴⁰

É interessante observar nestas afirmações dos trovadores a respeito de Deus o conceito de pecado que havia na população da época:

O problema do pecado na cultura medieval não é compreensível fora do vínculo que mantém com a prática da penitência. O caráter remissível dos erros e o monopólio que a Igreja exerce sobre o poder de perdoar os pecados e de prescrever punições situam o binômio erro-castigo no interior de um sistema de trocas entre o mundo terreno e o Além (preces, penitência, indulgências), que constitui um dos elementos específicos da religião cristã.⁴¹

Com estas palavras de Le Goff e Schmitt, nota-se como o conceito de pecado e perdão do mesmo, estava relacionado com o monopólio da Igreja de prescrever punições. Por este motivo, provavelmente, a ofensa que um trovador fizesse a Deus, não o levava a ter medo do castigo de Deus, mas sim, das punições da Igreja. Parece que o trovador tinha total liberdade de se expressar perante Deus, mas não, perante ao clero. São homens que questionaram Deus pela situação em que estavam vivendo. Não entenderam a sua realidade, pois esta estava além da sua compreensão. A sua cosmovisão religiosa não respondia estas dificuldades da vida, então, procuravam expressar-se nas Cantigas segundo seus conceitos.

2. A Cantiga de Pero Gotèrrez, cavaleiro

A Cantiga de Pero Gotèrrez é um exemplo da expressão sentimental que merece destaque por ser considerada uma Cantiga de heresia. Não há muitas informações sobre o autor. O que se conhece dele, é que foi um “trovador, provavelmente leonês. Pertenceria à

³⁹ *Ibidem* p. 102.

⁴⁰ *Ibidem* p. 100.

⁴¹ LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: editora da Universidade do Sagrado Coração. v II. 1999. p. 347.

nobreza e local de condição de cavaleiro, na corte de Afonso III⁴². Para entender sua expressão de pensamento, além da paráfrase, será feita uma análise teológica com o objetivo de perceber quais são suas afirmações a respeito de Deus que são contrárias às que estão na Bíblia.

(CBN, 922; CV. 510)

Todos dizem que Deus nunca pecou,
mais mortalmente o vej' eu pecar:
ca lhe vej' eu muitos desamparar
seus vassalos, que mui caro comprou;
5. ca os leixa morrer con grand' amor,
desemparados de ben de senhor;
e já com' estes min desamparou.

E maior pecado mortal non sei
ca o que eu vejo fazer a Deus,
10. ca desampara os vassalos seus
en mui gran coita d' amor qual eu sei;

e o senhor que acorrer non quer
a seus vassalos, quando lh' é mester,
peca mortal, pois é tan alto Rei.

15. Todo senhor, de mais Rei natural,
dev' os vassalos de mort' a partir
e acorre-lhes, cada que os vir
estar en coita; mais Deus non é tal,

ca os leixa com grand' amor morrer,
20. e, pero pode, non lhes quer valer:
e assi faz gran pecado mortal.

Paráfrase

Todos dizem que Deus nunca pecou
Mas eu, um mortal, o vejo pecar:
Porque eu o vejo desamparar
seus vassalos, que muito caro, comprou;
pois os deixa morrer além de grande amor,
desamparados do amor do senhor;
pois com estes desamparou-me.

Mas maior pecado mortal não conheço
do que vejo Deus fazer,
pois desampara os seus vassalos
no momento de um grande sofrimento de
amor, do qual eu tenho;
o senhor não quer socorrer
seus vassalos, quando lhes é obrigação,
peca de forma mortal, visto que tão poderoso
Rei é.

Todo senhor, ainda que seja Rei natural,
deve aos vassalos livrá-los
e socorrer-lhes, sempre que os vir
estar em sofrimento por amor; mas Deus não
é assim,
pois os deixa morrer de grande amor,
e, já que pode, não lhes quer ajudar
assim comete um grande pecado mortal.

2.1 A análise teológica

Não será feito uma exegese dos textos bíblicos, por questão de espaço e tempo. Será mencionado apenas os textos que estão relacionados com as afirmações do trovador. No início da primeira cobra, o autor faz a seguinte afirmação “Todos dizem que Deus nunca pecou,

⁴² BREA, Mercedes. *Lírica profana Galego-Portuguesa*. Santiago de Compostella, Xunta de Galicia. 1996. p.143.

mais mortalmente o vej' eu pecar". Este é um pensamento contrário ao texto bíblico que diz: "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado"⁴³. Gotèrrez relaciona o pecado de Deus ao fato de ele não cuidar "dos seus vassalos", ele diz: "ca lhe vej' eu muitos desamparar, seus vassalos". Dentre várias afirmações feitas na Bíblia, que Deus não desampara os seus filhos, pode-se mencionar este versículo no livro de Salmos: "fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua semente a mendigar o pão"⁴⁴.

Parece que o autor tem algum conhecimento dos textos bíblicos, pois lembra que Deus comprou "seus vassalos" com um preço muito caro, nas seguintes palavras: "que mui caro comprou; ca os deixa morrer con grand' amor". Na Bíblia, na primeira carta de Pedro, ele faz menção de como foi esta compra: "sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado"⁴⁵.

O autor retoma o assunto a respeito de Deus cuidar de seus filhos, denominados pelo autor de "seus vassalos" quando diz: "e o senhor que acorrer non quer não quer, quando lh' é mester, peca mortal, pois é tan alto Rei". Neste momento, Gotèrrez entende que Deus peca de maneira mortal. A Bíblia afirma que Deus não peca, mas sim, o homem. Há um texto na primeira carta de João que trata a respeito do pecado para morte. Texto este, muito discutido entre os teólogos, pois não há um acordo sobre o significado de pecado para a morte. O texto de João é: "se alguém vir pecar seu irmão, pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore. Toda a iniquidade é pecado, e há pecado que não é para morte"⁴⁶. Este é o único texto na Bíblia sobre este assunto. É algo curioso, visto que o autor da Cantiga tem a capacidade de mencioná-lo.

⁴³ Bíblia, carta aos Hebreus, capítulo 4, versículo 15.

⁴⁴ Bíblia, livro dos Salmos, capítulo 37, versículo 25.

⁴⁵ Bíblia, primeira carta de Pedro, capítulo 1, versículos 18 e 19.

⁴⁶ Bíblia, primeira carta de João, capítulo 5, versículos 16 e 17.

2.2 A análise dos verbos voltados à pessoa de Deus

Ao tratar dos verbos apresentados nas cantigas, é importante conceituá-lo, para assim fazer uma melhor análise. Para Celso Cunha, verbo “é a palavra que exprime uma ação, estado ou fenômeno representado no tempo”⁴⁷. Já para Bechara, “verbo é a palavra que, exprimindo ação, ou apresenta estado ou mudança de um estado a outro, pode fazer indicação de pessoa, número, tempo, modo e voz”⁴⁸.

Segundo Said Ali, o “verbo é a criação lingüística destinada a expressar a noção predicativa. Denota ação ou estado e nas línguas do grupo ariano possui sufixos próprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural; em alguns idiomas também o dual), o tempo (atual, vindouro ou pretérito) e o mundo da ação (real, possível etc.)”⁴⁹ Os verbos desta Cantiga devem ser analisados. São eles:

1. Dizer - aparece na terceira pessoa do plural, no Presente do Indicativo, como verbo transitivo direto. O autor apresenta como sujeito um pronome indefinido no plural “todos”. Importa mencionar que o autor não está dizendo que Bíblia diz que Deus nunca pecou, e sim, todos dizem que Deus nunca pecou.

2. Pecou - na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do Modo Indicativo, este verbo intransitivo, dentro de uma oração subordinada substantiva objetiva direta, demonstra qual é a afirmação que “todos” faziam de Deus.

3. Vejo - na primeira pessoa do singular, Presente do Indicativo, aparece numa oração coordenada sindética adversativa.

4. Desamparou - o autor explica porque Deus peca. Porque Deus desampara as pessoas que ele comprou. Este último verbo demonstra um fato que ocorreu no passado, pois está no Pretérito Perfeito, do Modo Indicativo, na terceira pessoa do singular. É uma ação completa, porém, no momento em que o autor está escrevendo, entende que Deus desampara aqueles que compra.

5. É - verbo ser, a forma latina *est* reduziu-se a *é*. O *t* da terceira pessoa do singular já não era mais utilizado nesta época.

6. Dizen - há uma alternância vocálica, pois aparece uma consoante nasal logo após a vogal *e*.

7. Pode - houve mudança de *o* em *u* na primeira pessoa *pus*, *pude* (latim *posui*, *potui*).

⁴⁷ CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: ed. Bernardo Álvares S.A. 1972. p. 54

⁴⁸ BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: cursos de 1° e 2° graus*. São Paulo: editora Nacional. 1975.

p.103

⁴⁹ SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: ed. Melhoramentos. 1965. p.129

8. Vejo - (<vedio <video), por efeito do fonema *j* (iota) passou o radical da primeira pessoa do singular a divergir das demais formas. Assim ocorreu também com *faço* (<facio), *meço* (<metio).

9. Fazer – terceira pessoa do singular, Presente do Indicativo. O autor entende que Deus pratica isto, o pecado.

10. Acorre - terceira pessoa do singular, Presente do Indicativo. O poeta entende que Deus, com toda capacidade que tem livrar alguém do sofrimento, não faz isto para ele.

11. Vir – Futuro conjuntivo, aspecto imperfeito

12. Pode - terceira pessoa do singular, Presente do Indicativo. Há um reforço, por parte do poeta, que Deus não quer ajudá-lo, livrando-o do sofrimento.

3. A Cantiga de Gil Perez Conde

A Cantiga de Gil Perez Conde, também é considerada de heresia, pois o eu lírico encontra-se magoado por ter perdido a namorada ou esposa. O autor era um trovador português, membro de uma família aristocrática. Provavelmente fugiu em direção à Castela no ano de 1248, “logo após o conflito pela sucessão do trono português entre Sancho II e Afonso III, o Bolonhês. Esteve relacionado com os círculos senhoriais alfonsinos, sendo desde 1269 vassalo de Afonso X e em 1286, infançon de Sancho IV”⁵⁰.

(CBN. 1527 = CB. 400) nº 162

Paráfrase

Já eu non ei por quen trobar

e já non ei en coração,
por que non sei já quen amar;
poren mi mingua rason,

5. ca mi filhou Deus mia senhor,
a que filh’ o Demo maior
quantas cousas que suas son,
Como lh’ outra vez já filhou
a cadeira u siia

10. o Filh’; e por que mi filhou
bõa senhora que avia?
E diz el que non á mulher;
se a non á, pera que quer
pois tant’ a bõa Maria?

15. Deus nunca mi a mi nada deu
e tolhe-me bõa senhor:

Já não tenho por quem trovar

e já não tenho vontade disso,
porque já não sei a quem amar;
por isso, falta-me motivo,

5. pois Deus tomou a minha senhora,
que o diabo lhe tire

todas as coisas que você possuir
Como lhe tirou outra vez
uma cadeira onde o Filho estava;

10. e por que me tirou
a boa senhora que eu tinha?
ele diz não à mulher;
se é não à mulher, para que quer;
tanto a boa Maria?

15. Deus nunca me deu nada
e tira de mim a minha boa mulher:

⁵⁰ BREA, Mercedes. *Lírica profana Galego-Portuguesa*. Santiago de Compostella, Xunta de Galicia. 1996. p. 162.

por esto, non creo en el eu
nen me tenh' en pecador,
ca me fez mia senhor perder.
20. Catad' o que mi foi fazer,
confiand' eu no seu amor!

Nunca se Deus mig' averrá,
se mi non der mia senhora;
mais como mi o corregerá?
25. Destroia-m', ante ca morra.
Om' é: tod' aqeste mal faz,
[como fez já, o gran malvaz],
e[n] Sodoma e Gomorra.

por isto, eu não creio nele
nem me sinto como um pecador,
porque me fez perder a minha mulher.
20. Confiando eu no seu amor
olha o que me foi fazer!

Deus nunca terá nada comigo
se ele não devolver minha mulher;
contudo como ele corrigir-me-á?
25. Destrua-me, antes que eu morra.
Aquele que todo este mal faz,
Como já fez com grande maldade,
em Sodoma e Gomorra.

Segundo Lapa, o eu lírico está questionando o fato de Deus ter levado a sua senhora para um convento. Nesta Cantiga, também há algumas afirmações acerca de Deus que são contrárias às afirmações bíblicas.

3.1 A análise teológica

Há vários textos bíblicos que confirmam o aspecto herético desta Cantiga. Segundo Lapa⁵¹, os versos 6 e 7 da primeira cobra são compreendidos como uma praga do poeta contra Deus. Esta consiste em Satanás tirar de Deus todas as coisas que este possui. Os textos bíblicos mostram o contrário, ou seja, que Deus é maior do que Satanás e este não tem poder ou forças para tirar-lhe suas coisas. O texto da carta de Paulo aos Romanos esclarece esta situação: “e o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém”⁵².

Na Segunda cobra, nos versos 9 e 10, há uma afirmação muito estranha, no aspecto teológico, porque o autor afirma que uma vez o diabo tirou a cadeira onde estava o Filho. Não há menção disto na Bíblia, a menos que, por inferência, entender que o mal praticado pelo homem é de origem satânica e por este motivo, foi necessário Jesus deixar sua cadeira para vir à terra com o objetivo de resgatar o homem desta condição de praticar o mal e a morte. A carta de Paulo aos Colossenses confirma que o Filho está sentado ao lado direito de Deus: “portanto,

⁵¹ LAPA, Manuel Rodrigues, *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Vigo: Editorial Galaxia, 1965. p. 253.

⁵² Bíblia, carta aos Romanos, capítulo 16, versículo 20.

se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus”⁵³.

Ainda na segunda cobra, nos versos 12, 13 e 14, o poeta afirma, pelo fato de ter perdido a sua senhora, que Deus diz não à mulher. E se isto realmente é assim, porque Deus quer tanto a boa Maria? A Bíblia não afirma que Deus não gosta da mulher, pelo contrário, na carta aos Gálatas, Paulo, sendo um judeu helenista, diz: “nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”⁵⁴. Nos versos 17 e 18 da terceira cobra, o poeta afirma não ser pecador. Na carta do apóstolo Paulo aos Romanos, encontra-se: “porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus...”⁵⁵.

Revoltado, o poeta, por não crer em Deus, acredita que será impossível Deus corrigi-lo. O texto bíblico da carta aos Hebreus afirma: “porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho”⁵⁶. E no último verso, o autor faz menção de Sodoma e Gomorra, afirmando que Deus fizera mal àquelas cidades. Neste caso, o poeta demonstra ter conhecimento do texto bíblico, pois no livro de Gênesis encontra-se: “então o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra...”⁵⁷.

3.2 A análise dos verbos voltados à pessoa de Deus

1. Destroia-m' - durante todo o século XVI persistem *destrues*, *destrue*, *destruem* (assim como a forma *estruie* etc.); no século seguinte entram a fazer--lhes concorrência *destroes*, *destroe*, *destroem* para se tornarem, finalmente, a linguagem usada no português hodierno. Atualmente, o *u* no imperativo do verbo *destruir* está relacionado, por analogia, à forma do imperativo do *dormir*.

2. Morra - o presente do conjuntivo, na primeira pessoa do singular, assim como, no presente do indicativo da mesma pessoa, apresenta a vogal fechada nos verbos da conjugação *-er*, terminando em *-a* no conjuntivo.

3. Fez - da alternância vocálica resultaram ainda *fiz*<português antigo *fize*<latim *feci*, em contraste com *fez*<português antigo *feze*<latim *fecit*. Neste caso aparece em uma locução verbal “fez perder”.

⁵³ Bíblia, carta aos Colossenses, capítulo 3, versículo 1.

⁵⁴ Bíblia, carta aos Gálatas, capítulo 3, versículo 28.

⁵⁵ Bíblia, carta aos Romanos, capítulo 3, versículo 23.

⁵⁶ Bíblia, carta aos Hebreus, capítulo 12, versículo 16.

⁵⁷ Bíblia, livro do Gênesis, capítulo 19, versículo 24.

4. Creo - o verbo *crer*, na primeira pessoa do singular, evitou-se o ditongo que proveria do acréscimo direto de *-o* aos radicais terminados em vogal, inserindo o fonema *i* (iota) *caio*, *creio*, *seio* (e *sejo*) e *leio*.

5. Deu - o uso do *-u* no Pretérito Perfeito, utilizado na forma atual *deu*, explica-se por analogia com a terceira pessoa dos perfeitos fracos que terminam em *-u*: *-ou*, *-eu*, *-iu*. Isto surge do português arcaico: *ded~i>dej*, *dedit>dei*.

6. Avia - no Imperativo encontra-se *habe>há*, tal como na terceira pessoa do indicativo. No português antigo, ainda o *ave*, se justifica facilmente pelo latim *habe*. O Pretérito Imperfeito acompanhou esta forma: *avia*

7. Son - o verbo *ser* na terceira pessoa do plural, *son*, elimina-se o *n* e nasala-se o *a* com um til.

8. Filhou – terceira pessoa do Pretérito Perfeito, Modo Indicativo.

9. Siia – Pretérito Imperfeito do Indicativo do verbo “ser”, parafraseado por “estava”.

Considerações Finais

Ao analisar as Cantigas de Pero Gotèrrez, cavaleiro (CBN, 922; CV. 510) e a de Gil Perez Conde (CBN. 1527; CB. 400) nota-se que ambos autores manifestam seus sentimentos em relação a Deus. Independente das doutrinas da Igreja na época, bem como, afirmações contrárias ao texto bíblico, percebe-se que a cosmovisão destes autores estava influenciada pela cultura do meio em que viviam. Conforme relata a história, nota-se que estes autores não estavam preocupados com a perseguição que a Igreja poderia ser desencadear contra eles. Não foi encontrado registros de que estes autores foram perseguidos pela Igreja. Seria motivo de pesquisa, para entender qual era a posição da Igreja em relação a estas Cantigas e aos seus autores, se consideravam-nos ou não hereges.

Por outro lado, como foi mencionado nesta pesquisa, alguns líderes religiosos da época que não escreveram Cantigas que questionavam Deus, a Igreja considerou-os hereges. Por este motivo, é importante analisar o conceito de heresia que predominava na Igreja nesse período. Falbel afirma que a crítica herética era “uma tentativa de apontar os erros e os desvios da instituição eclesiástica, da sua intervenção no poder secular à custa de sua missão espiritual; enfim, uma tentativa de alertar a sociedade cristã de que os seus representantes desvirtuaram a verdadeira imagem da religião fundada por Cristo”⁵⁸. Isto é muito diferente do

⁵⁸ FALBEL, Nachman *Heresias Medievais*. São Paulo, editora Perspectiva. 1977. p.14.

que faziam os trovadores nas suas afirmações teológicas. Alguns trovadores também questionaram a liderança eclesiástica, porém não faziam uma comparação entre a Igreja da época e a religião fundada por Cristo.

Outra afirmação importante a respeito de heresia é a de Tomás de Aquino. Este dizia que eles também têm vontade de seguir a Cristo e “ensinou que aquilo que distingue os hereges dos fiéis é a persuasão e a vontade de seguir uma estrada própria como discípulo de Cristo, mesmo contra a autoridade da Igreja (S. Th.II, II, 11,1)”⁵⁹. Esta postura é muito diferente da de um trovador. Enquanto este estava questionando Deus, o porquê de não ter o seu amor correspondido, os líderes considerados hereges pela Igreja, tinham, segundo Tomás de Aquino, a capacidade de formar seguidores. Diziam ser os verdadeiros seguidores de Cristo e se apresentavam contra a liderança da eclesiástica.

Ao observar a história, entende-se que o povo tem tendência de aderir as idéias de um líder que questione a autoridade imposta, seja política ou eclesiástica. Isto ocorre, principalmente se este líder fizer uma proposta de um novo estilo de vida, com uma nova ética. Poder-se-ia sugerir como hipótese, ser este o motivo da Igreja não perseguir os trovadores, assim como, perseguiu os líderes que ela considerou hereges.

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *Monarquia*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo, editora Escala.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: cursos de 1° e 2° graus*. São Paulo: editora Nacional. 1975.
- Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Barueri. Sociedade Bíblica do Brasil. 1988.
- BONNASSIE, Pierre. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1985.
- BOSH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo, editora Sinodal. 2002.
- BREA, Mercedes. *Lírica profana Galego-Portuguesa*. Santiago de Compostella, Xunta de Galícia. 1996.
- CLAVAL, Paul. *Espaço e poder*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1979.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: ed. Bernardo Álvares S.A. 1972.
- Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs*. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis, editoras Vozes e Paulus. 2002.
- DURANT, Will. *A história da filosofia*. Trad. Luiz Carlos Nascimento Silva, São Paulo, Editora Nova Cultura. 2000.

⁵⁹ FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*. Trad. Teólogos da Pont. Col. Pio Brasileiro de Roma. São Paulo: edições Loyola. v. II. 1983. p. 278.

FALBEL, Nachman *Heresias Medievais*. São Paulo, editora Perspectiva. 1977.

LAPA, Manoel Rodrigues, *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade-Média*. Lisboa. Seara Nova. 1929.

LAPA, Manoel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Vigo: Editorial Galaxia, 1965.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo, editora da universidade do Sagrado Coração. V.I 1999.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: editora da Universidade do Sagrado Coração. v II. 1999.

MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo, editora Contexto. 1992.

PARKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis, editora Vozes. 1996.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: ed. Melhoramentos. 1965.

SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Caetano do Sul. Ateliê editorial. 1997.